

**ALPHONSE DUPRONT,  
HISTORIADOR E FENOMENÓLOGO DO  
SAGRADO**

*Henrique C. de Lima Vaz*  
CES — Belo Horizonte, MG

ALFONSE DUPRONT, *A Religião Católica: possibilidades e perspectivas*. Trad. H. C. Lima Vaz. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, 93 pp.

O texto cuja tradução é agora oferecida ao leitor brasileiro reproduz em forma ampliada um artigo publicado em 1980 pela revista *Le Débat*, recentemente reeditado pela Editora Gallimard na coleção que leva o mesmo nome.

O autor, Alphonse Dupront (1905-1990), embora não conhecido do grande público, é considerado um dos maiores historiadores franceses do pós-guerra. Foi aluno da *École Normale Supérieure*, da Escola Francesa de Roma, discípulo e colaborador de Paul Alphandéry na *École Pratique des Hautes Études*, seção das ciências religiosas. Cumpriu igualmente uma carreira universitária brilhante, tendo sido professor nas Universidades de Montpellier e Paris-Sorbonne, e Reitor da Universidade de Paris-Sorbonne<sup>1</sup>.

Do seu mestre Paul Alphandéry, o grande historiador das Cruzadas e das seitas heterodoxas medievais, Dupront recebeu inspiração para dedicar-se igualmente ao estudo do grande fenômeno religioso, político e sócio-cultural que, durante três séculos, inverteu a rota tradicional das migrações no continente eurasiático, arrastando do Ocidente para o Oriente enormes multidões polarizadas pelo mito hierosolimitano da Cidade santa. A tese de doutorado *ès-lettres* de A. Dupront, apresentada à Sorbonne em 1956, versa justamente sobre o mito da Cruzada e inaugura um novo estilo de leitura historiográfica desse evento extraordinário<sup>2</sup>. A partir do estudo das Cruzadas e do sagrado medieval, a investigação e a reflexão de Dupront estenderam-se às formas mais típicas do sagrado na tradição ocidental, sobretudo às peregrinações, à linguagem, ao imaginário, tendo sido a sua obra reconhecida como a mais ampla e inovadora no estudo das sacralidades ocidentais.

A inovação introduzida por A. Dupront pode ser caracterizada metodologicamente pela ruptura decidida, a exemplo do seu mestre Paul Alphandéry, com o positivismo racionalista que dominou longamente a historiografia francesa do fato religioso. Nesse sentido sua obra ocupa um lugar de destaque entre as que renovaram a historiografia francesa nesse último meio século, alinhando-se com as de Lucien Fèbvre, F. Braudel, J. Delumeau, P. Chaunu e outros.

Dupront é considerado um dos fundadores da chamada *etno-história*, mas essa designação, acentuando talvez demasiadamente a incidência dos fatores bio-culturais na constituição da trama histórica, não faz justiça à riqueza e flexibilidade do método com que o "explorador das sacralidades ocidentais", como foi chamado, adentra-se na complexidade, no fundo inanalizável, com que o sagrado se apresenta na sua encarnação histórica. Dupront eleva-se decididamente contra o racionalismo e o imanentismo, cujos procedimentos reducionistas cortam arbitrariamente no inextricável entrelaçamento de crença, razão, imaginação, sentimento do inefável e emoção diante do misterioso, com que o sagrado se manifesta e deixa entrever sua secreta essência. A prática da história, para o historiador que é A. Dupront, é inseparável da simpatia profunda, da atenção permanente diante dos mil sinais com que o sagrado se anuncia<sup>3</sup>.

Uma seleção de importantes textos de A. Dupront foi reunida pelo próprio historiador sob o título *Du Sacré: Croisades et pèlerinages, images et langages*<sup>4</sup>. Na primeira parte, designada *Itinéraire* (pp. 11-235) o autor descreve os momentos essenciais, a metodologia, o espírito e o sentido do seu caminho de historiador. Páginas de extraordinária riqueza e que podem ser consideradas exemplares e como que normativas para quem quer que se ocupe com o sagrado na sua história e para o praticante da antropologia religiosa, à qual Dupront consagra a última parte do seu livro (pp. 417-537).

Como estudioso das sacralidades ocidentais, Dupront tem diante de si, em primeiro lugar, o imenso desenrolar histórico do sagrado cristão nas suas múltiplas formas, institucionais, anárquicas, ortodoxas, heterodoxas, católicas, sectárias, numa seqüência já bi-milenar de vicissitudes. Historiador das Cruzadas e das peregrinações medievais, inventor de uma nova metodologia e de um novo estilo de leitura do sagrado na história, mais do que ninguém A. Dupront estava preparado para empreender uma hermenêutica histórica em profundidade dessa forma, a mais ampla e duradoura dentre as formas das sacralidades ocidentais, que é o sagrado cristão. Acompanhar num suceder histórico cheio de desafios e paradoxos os caminhos pelos quais a fulgurante originalidade do Evento fundador no anúncio pascal mergulhou nas obscuridades da história e por elas avançou até alcançar as crises e perplexidades desse fim do segundo milênio, eis o que exige muito mais do que simples erudição, inventário de fontes, proposição sempre largamente arbitrária de modelos, cronologias incertas. Exige simpatia, atenção vigilante a pormenores que o simples olhar analítico não descobre, exige enfim, para usar uma metáfora do próprio Dupront, a auscultação paciente da respiração profunda desse enorme corpo espiritual cuja lei é o paradoxo e que pulsa misteriosamente de uma mesma vida na sua quase imperceptível origem histórica e no seu atual crescimento planetário.

O texto *Potências e latências da religião católica* (título original do livro cuja tradução estamos apresentando) é uma espécie de *breviário* no sentido literal, suma ou epitome das longas investigações, das meditações silenciosas, das reflexões rigorosas e exigentes de A. Dupront sobre o *fenômeno* da religião católica tal como o historiador o descreve na sua visibilidade no tempo e tenta captar a *essência* ou a vida invisível que o anima. Sublinhamos os termos *fenômeno* e *essência* para chamar a atenção sobre um traço peculiar do método de Dupront. Trata-se de um método *histórico-fenomenológico* porque alia a rigorosa investigação histórica ao exercício de uma original *intuição eidética* que tenta penetrar a *multiforme* essência do fato religioso. Ele não é nem uma redução racionalista, nem cede ao irracionalismo de uma fenomenologia do sagrado como a de R. Otto, nem é simplesmente descritivo. Sob a fria objetividade das fontes busca captar uma *história viva*, tecida com a seqüência dos "atos de uma dramática perene, na qual o homem e mesmo as sociedades humanas desdobram esforços incansáveis para atingir a transcendência deles mesmos, como uma plenitude de ser para eles indispensável" e que também se chama "a salvação"<sup>5</sup>.

Na história religiosa do Ocidente essa dramática foi e é vivida predominantemente pela religião católica. É ela o objeto precípuo da reflexão de Dupront, mas a leitura do seu texto deve levar em conta o fato

de que não se trata nem do texto de um apologeta, nem de um crítico ou sociólogo da religião, nem ainda de um eclesiólogo, mas simplesmente do texto de um historiador que reflete sobre as características singulares de um fenômeno histórico enorme na sua visibilidade e misterioso na sua essência.

O leitor deve ainda estar atento a algumas particularidades do vocabulário de Dupront. Em primeiro lugar, a distinção entre *religião católica*, *Igreja católica* e *catolicismo*. A religião católica, segundo o historiador, se estende além das fronteiras institucionais da Igreja. Ela pode ser caracterizada como um hábito mental difuso que, mesmo nas oposições, nas críticas, nos distanciamentos e nos cismas, marca indelevelmente a alma profunda do homem ocidental. Já o catolicismo — ou o cristianismo — designa um “sistema de pensamento e uma atitude diante do mundo e da vida”, forjados ao longo de dois mil anos de presença ativa e transformante do anúncio cristão no próprio coração da cultura do Ocidente. A Igreja católica, por sua vez, encarna a visibilidade histórica incontestável, como grandeza institucional, da religião católica e do catolicismo. A leitura do livro de Dupront exige, desta sorte, que se guarde permanentemente a perspectiva concêntrica, irradiando da Igreja ou convergindo para a Igreja, do imenso fenômeno cristão e das suas vicissitudes do tempo histórico que recebe dele a sua significação e, provavelmente, o seu sentido mais profundo. Convém, no entanto, observar que, entre o catolicismo e a Igreja, é a *religião católica* que, para Dupront, estabelece uma mediação vital e preserva um dos extremos da fixação no sectarismo herético e o outro da rigidez institucional, o que significaria afinal, para ambos, uma fuga da história. Nesse sentido devemos interpretar a admirável fórmula que, evocando a etimologia, define a “*religio* como a vida silenciosa dos laços”. Vida silenciosa que circula entre os laços invisíveis que prendem o *divino*, o *cósmico* e o *humano* na singularidade do evento da Encarnação e na sua paradoxal continuidade num corpo histórico que é a Igreja. O historiador deve penetrar, não por um ato de fé mas pelo exercício de uma simpatia profunda, até essa unificante vida silenciosa, sem a qual a face visível do fenômeno religioso no caso da religião católica, seria a enigmática e incompreensível permanência, num tempo já incrivelmente longo, de um obscuro e incoerente mito inicial.

A segunda distinção fundamental para uma leitura correta do texto de Dupront e que está presente em quase todas as suas páginas, é a que se estabelece entre *potência* (*puissance*) e *poder* (*pouvoir*). Podemos dizer que toda a reflexão de Dupront se desenvolve em torno do díptico que está presente no título do seu livro. A *potência* tem como característica essencial o guardar intactas na sua *latência*, a sua riqueza e a sua força interiores. Eis o que a distingue do *poder* que só existe manifestando-se como força que coage, obriga e constringe. Logo no início do seu livro,

Dupront define a potência de uma religião como a “dinâmica da sua presença existencial nos diferentes níveis do aparecer, do agir, do silêncio e da esperança”. Aqui está sugerida a equivalência entre *potência* e *dínamis*, não sendo o termo latino *potentia* senão a tradução do grego *dínamis*. Na *potência* está, pois, toda a riqueza semântica da *dínamis*, que não é capacidade de receber mas, como ensinou Aristóteles, capacidade de agir, de irradiar, de transmitir uma perfeição que permanece a mesma no seu incessante doar-se. O *poder* se esgota no seu exercício; ele pertence ao domínio das necessidades que se impõem *ab extrinseco*. A *potência* tem a sua razão de ser em si mesma, não se justifica pelo efeito que produz, mas é o efeito que encontra a sua justificação na sua participação à riqueza comunicada da *potência*. Há aqui, portanto, uma reminiscência da conceptualidade filosófica grega, mas também um eco do uso neotestamentário de *dínamis*, tal como aparece, por exemplo, em *Rom. 1,4* ou *1 Cor. 2, 4*, e inumeráveis outros lugares. Mas *potência*, como seu correlativo *poder*, são conceitos analógicos e, sobretudo, ambivalentes, marcados ora com sinal positivo, ora com sinal negativo: assim se fala das “potências do mal” como do “poder legítimo” ou do “poder despótico”. Do mesmo modo se entende como Dupront se refira, de um lado, à Igreja como “sociedade de potência em face das instituições do poder” e, de outro, à necessidade, para a Igreja, de “existir como poder, mesmo apenas simbólico, para salvar a potência”. Ou ainda, de um “poder que seja potência” e que é — ou deve ser — como tal transfigurado pela “potência da mensagem” ou pela “potência que é amor”. Assim, Dupront pode concluir o seu texto referindo-se ao “mistério tal como o ensina e vive a Igreja católica” e à “justa potência do mistério-fonte que escapa a toda análise”. O mistério é, pois, a manifestação mais alta da *potência*, aquela que promana imediatamente da *dínamis* absoluta que é Deus.

O historiador Dupront é levado, pela própria lógica do seu olhar de historiador, a descobrir no fenômeno histórico do sagrado cristão, tal como ele se difunde como catolicismo, é vivido como religião católica e se institucionaliza como Igreja, a presença ativa e irradiante do mistério — ou da potência — sem a qual o fenômeno torna-se totalmente incoerente e incompreensível e os métodos reducionistas — históricos, sociológicos ou ideológicos que sejam — esbarram em intransponíveis barreiras de inteligibilidade. Presentir através das inumeráveis vicissitudes com que o sagrado se encarna e vive na história, as *latências* dessa *potência*, tal a virtude própria do historiador que acolhe a integralidade do seu objeto e se constitui verdadeiramente como historiador do sagrado nessa sua forma singular que é o sagrado cristão. Ele tem assim aberto diante de si o caminho para uma hermenêutica muito mais abrangente e, provavelmente, muito mais verdadeira da civilização ocidental do que as oferecidas pelos esquemas sociologizantes ou ideologizantes da historiografia corrente.

A leitura do texto de Dupront não é uma leitura fácil. Ela supõe uma atenção permanente ao aflorar às vezes quase imperceptível da enorme informação histórica que suporta a reflexão. Dupront mantém uma discreta reserva quanto às suas convicções pessoais, e os seus juízos de valor são aqueles que brotam espontaneamente da sua ciência histórica. Mas seu livro traz a marca indiscutível do testemunho. Um testemunho lúcido na vigília do terceiro milênio, que merece ser ouvido e meditado. Um testemunho profético no sentido mais profundo, que oxalá encontre entre os leitores quem seja capaz de ouvi-lo como tal e de reconhecer sua mensagem.

## Notas

1. Uma informação sobre Alphonse Dupront por P. Chaunu encontra-se no verbete Alphonse Dupront, ap. *Universalis 1990, Encyclopaedia Universalis*, Paris, 1991.

2. Ver *Le Mythe de Croisade* (Bibliothèque des Histoires), Paris, Gallimard, 1994

3. Sobre a obra de Dupront, ver Agnès Antoine, "Un historien-prophète, Alphonse Dupront", *Esprit*, Mai 1994, pp. 95-108.

4. Bibliothèque des Histoires, Paris, Gallimard, 1987.

5. Ver Agnès Antoine, *art. cit.*, p. 100, citando *Le Sacré*, p. 232.